

Raquel Dias Vieira Braga

A Modernidade na Arquitetura Contemporânea Brasileira: Repercussões do Grupo Mineiro.

Resumo

O estudo configura o primeiro ensaio da pesquisa que pretende investigar a expressão da modernidade como pensamento e prática na arquitetura contemporânea brasileira, procurando compreender a contribuição da produção ocorrida em Minas Gerais a partir da década de 80 e suas repercussões no Brasil. A abordagem parte da definição de modernidade em estética, para então mostrar as expressões deste conceito em arquitetura, mais especificamente na tendência denominada Arquitetura Moderna ou Modernismo em Arquitetura, que tem sua origem na Europa. Procura-se então, por enquanto, indicar as primeiras manifestações da assimilação destas idéias no Brasil, e mais especificamente em Minas Gerais, ao mesmo tempo em que é iniciada uma especulação sobre a questão central da pesquisa, que é a reflexão a respeito do comportamento das idéias de modernidade na produção da arquitetura em Minas Gerais a partir da década de 1980. As obras de dois arquitetos são utilizadas como referência nesta primeira reflexão: Éolo Maia e Gustavo Penna.

Introdução

Trata-se do primeiro ensaio da pesquisa ¹ que pretende investigar os percursos da modernidade na arquitetura de Minas Gerais, sendo que se optou por uma abordagem que parte da definição de modernidade em estética, para então mostrar as expressões deste conceito em arquitetura, mais especificamente na tendência denominada Arquitetura Moderna ou Modernismo em Arquitetura.

Para esta tendência, que na cultura ocidental foi instituída pelas vanguardas artísticas do início do século na Europa, visita-se autores como Nikolaus Pevsner, Leonardo Benevolo, Giulio Carlo Argan e Kenneth Frampton, para depois indicar sua transmissão e incorporação ao repertório de arquitetura do Brasil, na década de 20, por Gregori Warchavchik, Rino Levi e pelas definitivas influências das visitas de Le Corbusier.

Os projetos modernistas de Niemeyer para Pampulha em Belo Horizonte, novo e asfaltado bairro da cidade idealizado pelo então prefeito, Juscelino Kubitschek, somados a uma predisposição dos mineiros sintonizados com o Modernismo, reforçam a difusão do Movimento Moderno na cultura arquitetônica desta região, sendo que seus códigos são assimilados e transmitidos principalmente na Escola de Arquitetura que ali foi fundada em 1930. Nesta escola diplomou-se Sylvio de Vasconcellos, que vai integrar seu corpo docente na década de 50, tendo papel fundamental na divulgação do ideário moderno em Minas Gerais, já que foi o primeiro teórico da arquitetura mineira.

Ao longo dos anos 40, 50, 60 e 70, exemplos de arquitetura moderna se espalharam nas Minas Gerais com o contínuo trabalho de Oscar Niemeyer e dos primeiros formandos da Escola de Arquitetura, como Raphael Hardy, Shakespeare Gomes, Eduardo Mendes Guimarães e do próprio Sylvio de Vasconcellos.

A partir dos anos 80 o Movimento Moderno começa a sofrer reflexões e sérias críticas com a assimilação, por alguns arquitetos mineiros, do ideário pós-modernista que chega ao Brasil. Essa “pós-mineiridade”, como denomina Hugo Segawa, torna-se uma espécie de inconfidência mineira que provoca a introdução do Movimento Pós-Moderno no Brasil. Éolo Maia, Jô Vasconcellos e Sylvio de Podestá são os nomes que surgem como mais significativas presenças neste processo, “Surpreendentes, admirados e detestados, provocar a discussão é uma das virtudes desses mineiros, com suas obras exuberantes – exuberância com raízes nos excessos do belo rococó das Minas setecentista, contracenando com a tranqüilidade que, dizem, caracteriza o espírito mineiro”².

Alguns contemporâneos e colegas importantes de Éolo, Jô e Sylvio não participam efetivamente deste “agito”, porém observam, com a desconfiança característica do mineiro, toda esta mobilização. É o caso de arquitetos como Gustavo Penna, Álvaro Hardy (Veveco), José Eduardo Ferolla, Joel Campolina e Flávio Almada que, com contribuições e conquistas importantes neste mesmo período, optam pela continuação da modernidade, menos ortodoxa, mesmo que contagiados pelo pós-modernismo.

Estética da Modernidade

Segundo Luc Ferry (em seu livro *Homo Aestheticus*), modernidade é um novo estado de consciência do homem que advém do processo de subjetivação detonado pelo cartesianismo e que culmina com a erosão do universo das tradições: o desaparecimento das ordens e dos corpos do Antigo Regime, “o desencantamento do mundo”, o fim do teológico-político, a passagem da comunidade orgânica à sociedade contratualista, do mundo fechado ao universo finito. O rompimento nos planos jurídico, político e religioso com a representação antiga de uma ordem

cósmica, fechada, hierarquizada e finalizada e a certeza de que atualmente as referências podem ser encontradas no próprio homem.

A *Aesthetica* de Baumgarten, de 1750, promove o advento da estética como uma nova disciplina e a define como a ciência do conhecimento sensível, sendo que as primeiras estéticas, depois desta, permanecem marcadas por certo platonismo, com a beleza sendo tratada como manifestação sensível de uma verdade ou de uma evidência moral situada fora dela mesma. Só em Kant podemos perceber que a beleza adquire uma existência própria, deixando de ser um simples reflexo de uma essência externa.

“Nesta inversão do platonismo (do primado do inteligível sobre o sensível) é importante perceber a idéia de sensibilidade como marca da corporalidade humana, distinguindo o homem de Deus, que é só espírito. E quando o sensível adquire autonomia para o homem, ele está se diferenciando e se separando radicalmente do divino. (...) E o artista deixa então de ser aquele que se limita a descobrir e a exprimir de maneira *agradável* às verdades criadas por Deus, tornando-se aquele que *inventa*. ”³

Movimento Moderno em Arquitetura

Este novo estado de consciência do homem, que caracteriza a estética da modernidade, vai expressar-se de modo mais radical nas artes, e mais especificamente na arquitetura, nos limites de uma tendência denominada Movimento Moderno ou Modernismo.

Segundo Giulio Carlo Argan (em seu livro *Arte Moderna*) o Modernismo resume as correntes artísticas que na última década do séc. XIX e na primeira do séc. XX, propõe-se a interpretar, apoiar e acompanhar o esforço progressista, econômico-tecnológico, da civilização industrial. Estas tendências expressam idéias que vão do materialismo ao espiritualismo, aos técnico-científicos e aos alegóricos poéticos, humanitários e sociais, sendo que por volta de 1910, as expressões do Modernismo vão buscar não mais apenas modernização ou atualização, mas uma revolução radical das modalidades e finalidades da arte.

Em sua *História da Arquitetura Moderna*, Leonardo Benevolo admite que o Movimento Moderno compreende um grande número de contribuições, não sendo possível fixar sua origem num só lugar ou num único ambiente cultural. Ele constata uma coerência dos diversos resultados a partir de aproximadamente 1927, e destaca do primeiro decênio duas experiências inovadoras, que são independentes entre si, mas que apresentam traços comuns: a obra didática de Gropius e de seus colaboradores da Bauhaus e a obra de Le Corbusier como arquiteto. Já Kenneth Frampton, em sua *História Crítica da Arquitetura Moderna*, vem dizer-nos que, “quanto mais rigorosa é nossa busca da origem da modernidade, mais remota nos parece estar esta”, sendo que

ele chega a remeter-nos a meados do séc. XVII, quando uma nova visão da história levou os arquitetos a questionarem os cânones clássicos de Vitruvius.

Percebe-se que são abordadas idéias e conceitos cujas denominações variam de Modernidade em arquitetura, passando por Movimento Moderno e também podendo ser Modernismo, sendo que talvez se pode dizer que Modernidade seja a denominação com limites mais amplos, por tratar de uma idéia que se expressa na arquitetura independente da época, e Arquitetura Moderna e Modernismos como denominações de uma tendência da arquitetura com delimitações temporais e definições instituídas.

Arquitetura Moderna no Brasil

Os primeiros discursos de fundo moderno publicados no Brasil foram registrados em dois artigos: a carta de Rino Levi, enviada de Roma, intitulada “A arquitetura e a estética das cidades”, que chamava a atenção para os novos materiais e para os grandes progressos tecnológicos, para as linhas simples e poucos elementos decorativos e o artigo “Acerca da arquitetura moderna”, publicado em 1925, pelo russo Gregori Warchavchik, radicado em São Paulo, que havia conhecido o construtivismo de seu país. Nesse artigo Warchavchik argumenta que “a beleza da fachada tem que resultar da racionalidade do plano da disposição interior, como a forma da máquina é determinada pelo mecanismo que é sua alma” e que “o arquiteto moderno deve amar sua época”, concluindo: “Abaixo as decorações absurdas e viva a construção lógica, eis a divisa que deve ser adotada pelo arquiteto moderno”.⁴ O artigo adota as posições defendidas no manifesto de Le Corbusier, *Vers une architecture* (1923), na língua francesa, que era de amplo domínio da elite brasileira, e cujos argumentos já haviam sido enunciados pelas vanguardas artísticas européias dos anos 1910.

Segundo Passaglia, “Os setores internos que atuaram diretamente no processo de transformação de nosso pensamento arquitetônico eram formados fundamentalmente, pelo arquiteto Gregori J. Warchavchik e, secundariamente, por Flávio de Carvalho e Jayme da Silva Telles. Um aspecto fundamental a ser destacado foi o suporte intelectual na divulgação das obras de Warchavchik e das experiências de Flávio de Carvalho, que teve o apoio do grupo principal dos artistas e escritores modernistas de São Paulo, em particular, Mário de Andrade, por assumir a linha de frente no combate às oposições ao movimento moderno.”⁵

O processo de renovação do pensamento arquitetônico culminou com a greve dos alunos da ENBA (Escola Nacional de Belas Artes), sendo que as primeiras manifestações datam a partir de 1928, com a inauguração da Casa da Rua Santa Cruz de Warchavchik. Os alunos lideram então o movimento, sendo que o testemunho de Abelardo de Souza é revelador: “Melhor informados pelos nossos colegas Carlos Leão, Luiz Nunes, Affonso Reidy e outros nomes que nos fogem no momento, íamos tomando consciência do que se fazia e do que ia acontecendo no exterior.

Víamos, pelas revistas de arquitetura que esses colegas traziam, que existia um franco-suíço chamado Charles Edouard Jeanneret, mais conhecido por Le Corbusier, que abria os olhos do mundo, através de sua arquitetura, (...)”.⁶

Em 1929 Le Corbusier é convidado a vir ao Brasil onde fez conferências que marcaram aquela geração de alunos e que foram verdadeira iniciação ao movimento moderno em geral e às suas próprias idéias em particular.

Em 12 de Dezembro de 1930, Lúcio Costa é empossado como diretor da Escola Nacional de Belas Artes (ENBA), por indicação de Manuel Bandeira a Rodrigo de Mello Franco de Andrade, modernista, então chefe do gabinete do Ministro Francisco Campos. Foram então contratados novos professores, inclusive Warchavchik e Alexander Buddeus que trouxeram suas decisivas influências eslava e alemã, respectivamente, para uma escola de orientação francesa.

Em 1935, o concurso de anteprojetos para a nova sede do Ministério da Educação e Saúde teve como vencedor um projeto que se destacava pela ornamentação marajoara, típica do Art Déco brasileiro. Por não corresponder às suas intenções modernizantes, o mineiro Gustavo Capanema decide desprezar o resultado do concurso, chamando Lucio Costa para projetar a nova sede de seu ministério. Este convoca Affonso Eduardo Reidy, Carlos Leão e Jorge Moreira, arquitetos que apresentaram projetos modernos no concurso para formarem uma equipe sob sua chefia. Ernani Vasconcellos e Oscar Niemeyer aderem também ao grupo que passou a desenvolver o novo projeto.

A segunda visita de Le Corbusier ao Brasil, em 1936, patrocinada pelo então ministro da Educação Gustavo Capanema, era, na opinião de Lucio Costa e de todo o grupo carioca, fundamental para legitimar as tentativas de renovação estética, convencendo os indecisos e realimentando as discussões. Esta visita foi, na realidade, um álibi para que o arquiteto franco-suíço prestasse uma consultoria ao projeto em desenvolvimento.

Pode-se afirmar que, apesar das evidentes citações dos esboços e das idéias de Le Corbusier, o projeto dos seis arquitetos brasileiros evoluiu para uma solução com personalidade própria, sem no entanto deixar de lado o traço original.

Paralelo à construção da sede do Ministério da Educação e Saúde, o pavilhão brasileiro projetado por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer para a Feira Mundial de Nova York, em 1938, volta a atenção da mídia internacional para a arquitetura do Brasil, sugerindo ao Museum of Modern Art (MoMA) de Nova York a elaboração de uma exposição mais abrangente, que registrasse a tradicional e a nova arquitetura brasileira.

Arquitetura Moderna em Minas Gerais

Uma volta à origem das manifestações do Movimento Moderno em Minas Gerais nos remete à década de vinte, quando podem ser detectados os primeiros contatos dos mineiros com os

modernistas paulistas (“em 1919, quando Mário de Andrade percorreu as Minas, estudando a arte colonial das velhas cidades”⁷), sendo que a primeira manifestação local é literária e ocorre na pequena cidade de Cataguazes, em 1927, com o lançamento da revista Verde, por um grupo de jovens (Guilhermino César, o cineasta Humberto Mauro e Francisco Inácio Peixoto).

A nova capital de Minas, inaugurada no final do séc. XIX, tinha no corpo técnico de sua Comissão Construtora o competente arquiteto José de Magalhães, sendo que parece ter havido, “nos vinte anos que se seguiram à transferência da Capital do Estado para a então Cidade de Minas, um decréscimo cultural entre nós, manifestado na ausência de profissionais da arquitetura e de outras artes, dando lugar à atividade de simples copistas e imitadores”⁸. E só em 1924 aparece em Belo Horizonte o arquiteto Luiz Signorelli e, pouco mais tarde, Rafaelo Berti e Angelo Murgel.

E em 1930, alguns intelectuais mineiros da capital, em torno, principalmente do arquiteto Luiz Signorelli, tomam a iniciativa de criar uma Escola de Arquitetura, já que estavam sensíveis à ausência de profissionais que expressassem as tendências culturais e as conquistas materiais no projeto de edifícios e no planejamento de cidades. Estabeleceu-se em reunião de 5 de Agosto de 1930 a fundação de uma Escola de Arquitetura, especialmente destinada à formação de engenheiros-arquitetos. Foi a primeira a se organizar no Brasil, já que nessa época existiam apenas cursos de arquitetura anexos a Escolas de Engenharia ou de Pintura e Escultura.

“Tiveram os fundadores da instituição a preocupação constante de formar arquitetos com uma cultura técnica, científica e artística ampla e arejada. Desde o início, adotou-se a organização didática da secção de arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes, como cumpria, para o seu reconhecimento pelo Governo da União, procurando-se, entretanto, estabelecer, na nova Escola, uma atmosfera em que todas as correntes da arquitetura, tradicionalistas ou modernas tivessem livre curso e franco estímulo.”⁹

É bastante significativa a inclusão das “correntes modernas” desde os primeiros planos para a Escola de Arquitetura de Belo Horizonte. Sinal de que seus idealizadores estavam sintonizados com as novas idéias de modernidade que chegavam da Europa.

A introdução da arquitetura moderna em Belo horizonte foi patrocinada também por Juscelino Kubitschek em sua gestão municipal, em princípio dos anos 40, com a idealização do Complexo da Pampulha, - “um bairro de elite, em uma área balizada por um lago artificial margeado por equipamentos de turismo e lazer: um cassino, um iate clube, um restaurante, casa de baile, um hotel, um clube de golfe e uma capela”¹⁰. Para o projeto de tais edificações, Juscelino convida o então jovem arquiteto Oscar Niemeyer, que idealiza verdadeiros monumentos de resgate da arquitetura barroca para os mineiros, através de uma exemplar releitura moderna. Na falta de um pioneiro local, a arquitetura moderna chega às Minas, portanto, cronologicamente, com o grande Hotel de Ouro Preto do arquiteto carioca, mas de fato, através

das edificações do conjunto da Pampulha. Nem todas as edificações previstas foram concluídas, mas Pampulha torna-se um marco da arquitetura moderna mundial obtendo grande repercussão internacional.

Como observa Niemeyer, “os que visitavam Pampulha se entusiasmavam com as formas novas que ela oferecia e a leveza de sua arquitetura. (...) De Ozenfant, amigo de Le Corbusier, recolhi, no seu livro de memórias, este trecho claro, de destino inconfundível: “Le Corbusier, depois de ter defendido a disciplina purista e a lealdade ao ângulo reto, pelo qual pretendia direitos particulares, parece ter decidido abandoná-lo, ao sentir no vento as premissas de um novo barroco, vindo de fora, que faz justiça a ele mesmo e, como sempre, com um imenso talento”.¹¹

Pampulha foi o testemunho do pensamento moderno já defendido pelas primeiras turmas formadas na Escola de Arquitetura de Belo Horizonte, a qual atacava a variedade formal que caracterizou o ecletismo em Minas na segunda metade do século XIX até as primeiras décadas deste século.

Cataguases adota postura semelhante à de Belo Horizonte, quando, em 1942, o modernista Francisco Inácio Peixoto encomenda sua residência a Oscar Niemeyer, sendo que esta iniciativa foi seguida de outras, que conferem a esta cidade uma importância no cenário modernista.

Ao longo dos anos 40, 50 e 60, exemplos de arquitetura moderna se espalharam nas Minas Gerais com as obras dos formandos na Universidade Federal de Minas Gerais (Raphael Hardy, Shakespeare Gomes, Sylvio de Vasconcelos e Eduardo Mendes Guimarães), sendo que a revista *Arquitetura e Engenharia*, editada em Belo Horizonte, foi o grande testemunho das realizações da arquitetura moderna no Brasil na década de 50 dando maior espaço à produção carioca e menos à paulista e mineira (esta última de notável influência do chamado “estilo carioca” que se realizava no estado através dos arquitetos Álvaro Vital Brasil, Francisco Bolonha, Sérgio Bernardes, José de Souza Reis e Alcides da Rocha Miranda).

Niemeyer continuou recebendo encomendas na capital: edifício do Banco Mineiro da Produção, o Clube Libanês (não construído), um colégio estadual, o conjunto Juscelino Kubitscheck, o prédio de apartamentos na Praça da Liberdade e o novo Iate Clube. Realiza projetos também em outras cidades como Juiz de Fora: um banco na Av. Getúlio Vargas e em Diamantina: um clube, um hotel e a Escola Júlia Kubitscheck.

A Modernidade da Arquitetura Contemporânea de Minas Gerais

Minas Gerais conquista autonomia em relação ao eixo Rio-São Paulo, pelas características originais de sua arquitetura nos últimos 30 anos. Numa atitude pluralista, que ultrapassa os paradigmas e a unidade mítica do modernismo, mas não necessariamente abandonando o ideário da estética da modernidade, os arquitetos mineiros deixam-se contagiar pelas obras de arquitetos

estrangeiros como Louis Kahn, Mário Botta e Robert Venturi e experimentam a diversidade que resultou na defesa do novo ecletismo.

Ressalta-se neste contexto a importância da visita de Mário Botta a Belo Horizonte em 1982, a partir de quando pode se observar uma disposição de certo grupo de arquitetos e estudantes em experimentar a volta a este novo ecletismo que acontecia nos E.U.A. e Europa: o pós-modernismo. Esta visita é noticiada pela Revista Pampulha n. 9, de Jan/Fev de 1983, revista que foi criada por um grupo de arquitetos (primeiro número é de Dez/1979), como um espaço de debates informais sobre arquitetura e outros assuntos afins como arte, literatura, ecologia e até culinária e que torna-se, a partir de 1983, um espaço de divulgação das manifestações pós-modernistas dos arquitetos mineiros.

Dentre a vasta produção da arquitetura contemporânea de Minas Gerais, o estudo detém-se na obra dos arquitetos Éolo Maia, como representante da corrente que adere mais radicalmente ao ideário pós-modernista, e Gustavo Penna, que permanece utilizando códigos da modernidade em sua arquitetura.

Éolo Maia, arquiteto formado em 1967 na UFMG, realiza obra considerável calcada em intensa pesquisa arquitetônica e numa interpretação pessoal e criativa do espaço urbano. Suas obras caracterizam-se pela liberdade expressiva contra a ditadura modernista em que baseou sua formação acadêmica. Segundo ele “o diploma o habilitou a exercer a profissão mas ele já a tinha dentro de si, respirava e transpirava com ela, vivia para ela”. Nascido em Ouro Preto, apresenta em suas obras, a mesma variedade formal característica do estilo barroco, e sempre com a mesma coerência observada neste último. Sua arquitetura resgata a arte de Aleijadinho e de sua cidade natal com inventividade, coerência e inconfundível variedade.

Vale ressaltar que o Barroco, arte européia assimilada e desenvolvida com grande peculiaridade pelos mineiros, é tomado como o primeiro movimento genuíno da arquitetura brasileira, o qual, surgindo no século XVIII, inevitavelmente teve grande influência no gosto artístico do povo. Faz-se, portanto, sempre presente, com suas variações naturais, em todas as fases da história da arte no país, incluindo a produção arquitetônica moderna, não com gratuidade mas com indiscutível inspiração própria e criatividade.

Como demonstrou Leopoldo Castedo em seu ensaio *A Constante Barroca na Arte Brasileira*, quatro grandes características essencialmente barrocas - universalidade, intimidade com o divino, sensualidade e audácia - refletem o povo brasileiro e são evidentes nas obras de Oscar Niemeyer, através do tratamento dinâmico do espaço e pela plasticidade magistralmente obtida com o concreto.

Mesmo vinculado ao espírito do Barroco, Niemeyer adere ao princípio estético da economia de meios, característica da modernidade, que é a máxima expressão de conteúdo com o mínimo de elementos formais. E somando o espírito barroco a esta estética, Niemeyer constrói a arquitetura que levou Lúcio Costa, o arquiteto moderno de maior prestígio no país, a defender a

particular orientação plasticista de Niemeyer como caminho correto para o conjunto da arquitetura brasileira, colocando o peso de sua autoridade na defesa de uma estética que procede diretamente de Le Corbusier, mas reconhecendo a legitimidade da intenção plástica.

“Para mim, os caminhos da arquitetura, da escultura e da poesia se cruzam também. Aí nascem as obras de arte. (...) mas depois, com a arquitetura contemporânea vitoriosa, voltei-me inteiramente contra o funcionalismo, desejoso de vê-la integrada na técnica que surgira e juntas caminhando pelo campo da beleza e da poesia. E essa idéia passou a dominar-me, como uma deliberação interior irreprimível, decorrente talvez de antigas lembranças, das igrejas de Minas Gerais, das mulheres belas e sensuais que passam pela vida, das montanhas esculturais e inesquecíveis de meu país.”¹²

Já Gustavo Penna, arquiteto formado na EAUFMG em 1973, nasceu quando “...a Pampulha tinha 10 anos e já vinha encantando o mundo, enquanto incomodava os espíritos conservadores. O que continua até hoje a fazer da mesma forma. Aqueles belos edifícios surgiram da força inventiva de Niemeyer no seu traço modernista carregado de brasilidade. E escolheram Minas Gerais para nascer”.¹³ Ao que tudo indica, Gustavo Penna foi influenciado pela interpretação dos códigos da Arquitetura Moderna, que Niemeyer traz nos seus projetos para a Pampulha, divergindo do funcionalismo racionalista predominante no decorrer do séc. XX e adotando um funcionalismo simbólico. Ele também é contagiado pelos “agitos” da pós modernidade em Belo Horizonte. .

Gustavo Penna tem o vigor de Oscar Niemeyer e consegue propor arquitetura com um espírito inovador semelhante ao de seu mestre. Usando formas simples e abusando de sua sensibilidade para a proporção, ele propõe uma arquitetura que revela o poder inventivo da modernidade, sendo também herdeiro dos códigos do Movimento Moderno que chegaram a Belo Horizonte. Optando pela interpretação pessoal da modernidade e adotando uma linguagem, que se distingue pela predominância dos cheios sobre os vazados, Gustavo Penna também concebe sua arquitetura com especial atenção à implantação do edifício no terreno, quando revela, segundo Ruth Verde Zein uma característica dos arquitetos mineiros, que “nunca começam a projetar a partir da teoria da cidade para chegar ao objeto, ao contrário: pega-se o lote, dele olha-se a implantação, as visuais, a concepção vai partindo de dentro, desfolhando, desdobrando”.

Esta característica pode explicar a capacidade de Gustavo Penna em propor uma arquitetura que compreende o sítio onde se implanta, ao mesmo tempo em que emoldura ou cria um marco na paisagem. Uma arquitetura/escultura que pontua a cidade com elegância.

Outra característica, comum aos arquitetos mineiros segundo Ruth Verde Zein, é a riqueza formal dos edifícios, como a exploração de recursos como a decomposição e o cuidado com as bases e os coroamentos, além da preocupação em inovar sempre.

Bibliografia

Livros e Dissertações:

- BRAGA, Raquel D. V.. *Goetheanum, arquitetura enquanto metamorfose*. Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção de grau de mestre, sob orientação do Prof Dr. Sylvio Sawaya., 1999.
- BRANDÃO, Carlos Antônio L. et al . *Arquitetura Vertical*. Belo Horizonte, ED. AP Cultural, 1992.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Arquitetura da modernidade*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 1998.
- LEME, Maria Cristina da Silva. *Urbanismo no Brasil: 1895-1965*. São Paulo: Studio Nobel; FAUUSP; FUPAM, 1999.
- MELO, Suzy. *Barroco Mineiro*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985.
- MIDLIN, Henrique E. *Modern Architecture in Brazil*. Rio de Janeiro and Amsterdam, Colibris Editora, 1956.
- NIEMEYER, Oscar. *A forma na arquitetura*. Rio de Janeiro, Avenir Editora, 1980.
- PASSAGLIA, Luiz Alberto do P.. *A influência do Movimento da Arquitetura Moderna no Brasil na concepção do desenho e na formação do arquiteto*. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo n. 3, mai. 1995. Belo Horizonte, PUC-MG, 1995.
- PASSOS, Luiz Mauro do Carmo. *Edifícios de Apartamentos*. Belo Horizonte, 1939-1976. Belo Horizonte, Ed. AP Cultural, 1998.
- PEREIRA, Marcos da Veiga. *Éolo Maia e Jô Vasconcelos*. Rio de Janeiro, Salamandra, 1991.
- SANTOS, Cecília Rodrigues dos. et al. *Le Corbusier e o Brasil*. São Paulo, Tecela / Projeto Editora, 1987.
- STROETER, João Rodolfo. *Arquitetura e Teorias*. São Paulo, Ed. Nobel, 1986.
- SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil. 1900-1990*. São Paulo, Ed. USP, 1997.
- VASCONCELOS, Sylvio de. *Arquitetura, Dois Estudos*. Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, 1960.
- XAVIER, Alberto (org.). *Arquitetura Moderna Brasileira; Depoimento de uma geração*. São Paulo, Ed. Pini, 1987.

Periódicos:

- ÓCULUM 2. Campinas : FAU- PUCAMP, n° 02, set., 1992.
- PAMPULHA. Belo Horizonte n^{os} 1 e 9.
- PROJETO. São Paulo : Ed. Arco, n^{os} 81 e 102.

Currículo

Professora Assistente do DAU UFJF. Arquiteta pela EAUFMG (1985), Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP (1999), cursando o Doutorado na FAUUSP. Desenvolveu projetos de arquitetura em São Paulo e Juiz de Fora.

Endereço

Endereço Residencial: Rua dos Artistas, 56 – fds. Juiz de Fora – Minas Gerais. Cep. 36.035-130 Fone: 0xx32 216-99887.

Endereço Acadêmico: Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Engenharia Universidade Federal de Juiz de Fora . Campus Universitário, Juiz de Fora -Minas Gerais. Cep. 36.033-310 Fone 0XX32 2293428/3402; e-mail: ra@arquitetura.ufjf.br

Notas

- ¹ Este estudo é parte integrante da pesquisa de doutorado em andamento, intitulada *A modernidade na arquitetura contemporânea brasileira: repercussões do grupo mineiro*, sob a orientação do Prof. Dr. Júlio Roberto Katinsky, no Curso de Pós-Graduação da FAUUSP. A pesquisa conta com a colaboração de alunos do Curso de Arquitetura da UFJF (bolsistas dos programas BIC/CNPQ e BIC/UFJF): Aline Magalhães, Isabella Lobão, Rafael Simioni e Rebeca Maaldi.
- ² SEGAWA, Hugo. *A “Pós-mineiridade”*. In: Revista Projeto n. 165, São Paulo, 1994.
- ³ BRAGA, Raquel D. V.. *Goetheanum, arquitetura enquanto metamorfose*. Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção de grau de mestre, sob orientação do Prof Dr. Sylvio Sawaya., 1999, p. 150-151.
- ⁴ WARCHAVCHIK, Gregori. *Acerca da arquitetura moderna*. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 1 de Novembro de 1925, *apud* XAVIER, Alberto (org.). *Arquitetura moderna brasileira – depoimentos de uma geração*. São Paulo, Pini, Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura, Fundação Vilanova Artigas, 1987.
- ⁵ PASSAGLIA, Luiz Alberto do P.. *A influência do Movimento da Arquitetura Moderna no Brasil na concepção do desenho e na formação do arquiteto*. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo n. 3, mai. 1995. Belo Horizonte, PUC-MG, 1995, p.135.
- ⁶ SOUZA, Abelardo Riedy de. *Arquitetura no Brasil: depoimentos*. São Paulo, Diadorim, Edusp, 1978, *apud* PASSAGLIA, Luiz Alberto do P.. *A influência do Movimento da Arquitetura Moderna no Brasil na concepção do desenho e na formação do arquiteto*. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo n. 3, mai. 1995. Belo Horizonte, PUC-MG, 1995, p. 146.
- ⁷ SEGAWA, Hugo. *Os mineiros e a arquitetura moderna*. In: Revista Projeto número 81, p. 119.
- ⁸ FIGUEIREDO, João Kubitschek de. *A Escola de Arquitetura e sua história*. In: Revista Arquitetura – Ano I, Set/Out de 1946, p. 19.
- ⁹ *Ibid.*, p. 20.
- ¹⁰ SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil. 1900-1990*. São Paulo, Ed. USP, 1997, p. 98.
- ¹¹ NIEMEYER, Oscar. *A forma na arquitetura*. Rio de Janeiro, Avenir Editora, 1980.
- ¹² *Ibid.*.
- ¹³ PENNA, Gustavo. *Os nomes do pai*. In: Estado de Minas, Pensar, 13-dez-1997.